



**Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas**

THAÍS TAVARES LIMA

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE TEATRO NA ESCOLA

**Brasília
2019**

THAÍS TAVARES LIMA

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE TEATRO NA ESCOLA

Trabalho de conclusão do curso de artes cênicas, habilitação em licenciatura, do departamento de artes cênicas do Instituto de artes da Universidade de Brasília

Orientadora: Prof.^a Ângela Barcellos Café

**Brasília
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por seu perfeito amor e por sua graça.

Agradeço à minha mãe Rose por ser uma inspiração como mulher, como ser humano e como profissional, e por todo seu amor.

Agradeço ao meu namorado Victor por sempre estar comigo, por me apoiar e por seu amor.

À toda a minha família linda pela união e amor de sempre.

Aos meus amigos do curso, Laysa, Amanda, Ana Balata e Danieu Alves pela amizade, pelos projetos, por fazerem meus dias mais divertidos na UnB e pelo apoio que sempre me dão.

A todos os meus amigos e amigas incríveis que sempre estão me alegrando e me apoiando.

Agradeço à minha orientadora Ângela Barcellos por ter aceitado esse trabalho e me ajudado.

Ao professor Rafael Tursi e à professora Soraia Maria por terem aceitado fazer parte da minha banca avaliadora.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

Este TCC visa compreender o ensino da prática teatral em algumas escolas e como a vivência no teatro vem sendo preterida ao ensino teórico. A pesquisa foi realizada com base em minhas experiências nos estágios de docência refletindo as bases da formação no campo da licenciatura. Entendendo os problemas da forma como o teatro é inserido nas escolas, nós arte-educadores podemos ampliar nossas metodologias e comunicação com os alunos. No ensino do teatro a contextualização e a experiência devem acontecer juntas. E a partir de observações, vivências e leituras percebi que essa unidade não acontecia e busquei meios para melhorar meu desenvolvimento como futura educadora de teatro.

Palavras-chave: Ensino teórico-prático; Teatro; Experiência; Processo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.....	8
2.1	Experiências com o ensino médio	8
2.2	Por que separar teoria e prática?.....	10
3	EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS.....	15
3.1	As crianças e suas autonomias	15
3.2	A montagem de Alice no país das maravilhas.....	16
4	O LUGAR DA VIVÊNCIA	22
4.1	O valor do ensino da arte/teatro.....	22
4.2	Processo e resultado.....	24
5	OUTROS CAMINHOS	26
5.1	Abordagem da sala de aula	26
5.2	Escolha o seu lado	27
5.3	O aluno é um ser autônomo	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
	ANEXO 1	33
	ANEXO 2	34
	ANEXO 3	35

1 INTRODUÇÃO

Meu desejo pela arte veio desde pequena, gostava de brincar que era uma atriz de tv, inventava uma personagem e a cada novo capítulo que passava em determinada novela eu introduzia minha personagem na história. Comecei a fazer teatro na escola e eu simplesmente amava me apresentar, porém em alguns anos não tivemos a oportunidade de produzir peças no colégio.

Hoje, aluna de Artes Cênicas na Universidade de Brasília voltei a lembrar-me daquele tempo da minha infância e comecei a questionar o modo como as Artes Cênicas são ou não inseridas no ambiente escolar. Foi então que pensando as realidades do ensino das Artes Cênicas nas escolas de ensino básico, decidi colocar o foco, dessa pesquisa, no ensino do teatro, na escola regular do ensino básico.

Ao longo da minha trajetória de aprendizagem observei que, alguns centros de ensino ministram somente aulas teóricas, não dando liberdade ao professor de proporcionar uma aula diferente. Em outras escolas são ministradas somente aulas práticas faltando uma base teórica aos alunos. E em outros colégios nem ao menos é ofertado Teatro como uma disciplina aos seus alunos nem na matriz curricular nem em projetos oferecidos no contraturno.

Com a exceção de poucas escolas que trazem peças para seus alunos assistirem ou levam eles para espetáculos teatrais, vemos que o assistir teatro é ainda menos presente. Entretanto, acredito que o assistir, o experimentar e o contextualizar devem acontecer juntos. E a partir dessas observações fui me questionando sobre como o teatro vem sendo inserido no ensino básico.

Iniciei esta pesquisa sem dar um foco em uma série específica e sim no acontecimento ou não do fazer/aprender artístico, entretanto, ao longo do estudo percebi que meu problema concentrava-se no ensino médio. Durante minhas experiências de estágios pude adquirir alguns conhecimentos sobre o universo do teatro dentro das escolas e desde a primeira aproximação com a pesquisa tive o desejo de falar sobre teoria e prática no ensino do teatro, e então me encontrei em meio a questionamentos sobre: a autonomia dos alunos; quanto à forma em que o teatro é ensinado a eles; sobre a opinião de alguns alunos quanto a isso. Assim, comecei a entender melhor o rumo que esse trabalho iria tomar.

Esta pesquisa visa contribuir com transformações significativas no cotidiano escolar. Acredito que o modo como o teatro vem sendo ensinado nas escolas deve

passar por algumas modificações, valorizando a prática e o processo e não somente o resultado, valorizando a experiência, e reconhecendo a importância da construção da autonomia dos alunos.

Desenvolvi este trabalho a partir de pesquisas etnográficas em escolas do ensino médio e ensino fundamental. E então fundamentei minhas observações com leituras sobre arte e educação.

O capítulo a seguir contará a minha experiência com estágio em uma escola particular com turmas de Ensino Médio, em que pude observar a falta da experiência prática e comecei a pensar sobre esse problema.

No capítulo seguinte falarei sobre minhas experiências com aulas de teatro para crianças, onde a prática é muito mais valorizada. Porém, pude presenciar a falta de recursos para as atividades artísticas na escola e a pouca ou nenhuma importância dada aos conteúdos e/ou desenvolvimento que a linguagem poderia proporcionar.

No capítulo 4 encontram-se alguns dos motivos que vejo serem causadores do problema que encontrei por meio de observações em algumas experiências.

E então no último capítulo apresento algumas soluções para os problemas e o modo como eu quero seguir construindo e contribuindo com o ensino do teatro.

2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

2.1 Experiências com o ensino médio

Em meu primeiro estágio do curso de licenciatura em teatro, optei por uma escola particular, pois foi o colégio em que eu havia cursado o segundo e terceiro ano do ensino médio. Logo que comecei já me senti muito à vontade, pois já conhecia a maioria dos professores e funcionários da escola. Observei o 1º e 3º ano do ensino médio com os professores R e T, respectivamente. As aulas de Teatro que pertenciam às disciplinas obrigatórias organizadas na matriz curricular eram predominantemente teóricas e isso me deixava um pouco incomodada. Afinal, na especificidade do teatro o aprendizado somente com base na teoria em arte e sem a prática, ou seja, a experiência vivenciada, realmente acontece? Talvez, para alguns, mas estou certa de que cada ser tem sua história, sua individualidade, e por esse motivo não aprende da mesma forma que os seus colegas. As variações nos métodos de ensino/aprendizagem se fazem necessárias tanto pelas diferenças entre estudantes, como pelo fato da arte teatral ser uma linguagem que utiliza todo o corpo diferente de outras áreas de conhecimento.

Ao longo do estágio fiz diversas observações sobre a relação professor-aluno. Eu percebia que o professor R conseguia o silêncio da turma somente quando dava uma bronca ou alguma “lição de moral”, e isso o deixava constantemente incomodado. Ele demonstrava, em sua fala, não estar satisfeito com o ambiente escolar e com o modo como as coisas aconteciam, e a forma com que se dava a sua relação de professor-aluno na sala de aula. Ele anotava no quadro e depois dava explicação, após essa etapa passava atividades do livro de Teatro, escolhido pela escola, para os alunos fazerem, e esse era o momento de maior bagunça da aula, R ficava sentado em sua cadeira enquanto poucos alunos faziam a atividade e a outra maioria conversava, ria, usava o celular e etc. Eu tentava compreender aquela situação, quando um dia, dividindo carona com o professor R ele me contou algumas situações que me fizeram entender melhor por que ele se sentia tão insatisfeito em sala de aula.

Algumas de suas queixas era a falta de respeito dos alunos (muita conversa paralela, etc), a desvalorização do professor de arte, e ele chegou a colocar pra mim que ia pedir demissão da escola e parar de dar aula no próximo ano. Ele me disse

que cursava educação física e estava iniciando na carreira do fisiculturismo, pretendendo seguir nesse rumo e não na área de arte educação. Após essa conversa, compreendi suas queixas e o porquê da sua dificuldade em lidar com os alunos.

Nas minhas observações do estágio percebia que o professor T, que ministrava aulas para turmas do terceiro ano do Ensino Médio, se mostrava mais a vontade no ambiente da sala de aula, parecia ter uma relação mais tranquila com os alunos, mas mesmo assim os educandos se dispersavam, e muitos até dormiam durante a aula de teatro, principalmente no último horário. Concordo que as condições eram favoráveis ao sono: aulas de slides (em sua maioria), luzes desligadas, sete horários de aula. Quando fomos para a última turma era notável o cansaço dos estudantes e as aulas de slides não conseguiam animá-los e mantê-los atentos. Eu conversava bastante com o professor, questionava sobre a falta de aulas diferentes, pensando que justamente a vivência da experiência pudesse despertar maior interesse nos estudantes. Ele sempre me explicava que o diretor exigia aulas como as que ele estava ministrando. Eu percebia que muitas escolas ainda viam o contexto separado da experiência.

“Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação” (BONDÍA, 2002, p. 22).

Penso que muitas pessoas ainda acreditam que aprender é processar informações e com isso deixam de incentivar a criatividade de seus alunos, deixam de abranger o conhecimento para algo mais aprofundado como, por exemplo, colocar a teoria em prática.

Os alunos do ensino médio naquele colégio demonstravam não se sentir atraídos pelas aulas de teatro, e infelizmente, isso parecia não ser motivo suficiente para que a escola propusesse algumas mudanças na dinâmica das aulas. Dessa forma, eu podia entender que geralmente a opinião dos educandos não era levada em conta na hora de se planejar uma aula. A dinâmica slides, dever de casa, correção e prova escrita era muitas vezes cansativa para eles, mas mesmo assim continuava a acontecer da mesma forma. Mudar nem sempre é tão fácil. Para alguns pode parecer quase impossível, pois a educação é cheia de paradigmas e contradições. Por isso mesmo a arte é importante, para provocar e incentivar transformações.

Inicialmente foram apenas observações, mas depois de ter mais proximidade com as turmas e conversando com vários estudantes durante os intervalos, pude ver que eles também queriam aulas diferentes, tanto os alunos do terceiro ano como os alunos do primeiro. Se os alunos são as pessoas a quais a escola deseja agregar conhecimento, por que então, a opinião delas sobre como esse conhecimento vem sendo ministrado não é levado em conta?

2.2 Por que separar teoria e prática?

Na mesma escola, o professor T me chamou para auxiliá-lo na produção da peça High School Musical que ele estava dirigindo no colégio. Todo ano acontece a montagem de uma peça, no contraturno. Além do fato da montagem da peça não ser parte das disciplinas obrigatórias da escola, ela é feita por uma turma de alunos selecionados nas audições de atuação e canto realizadas pelo professor. Esses alunos ainda devem pagar R\$100,00 por mês para participar do processo da peça. Devido a essas condições percebi que as aulas práticas de Teatro são feitas por um grupo seletivo de alunos e os outros ficam apenas com a exposição teórica na sala de aula.

Um projeto teatral da escola é diferente das aulas obrigatórias. Quando falamos desse tipo de atividade que é proporcionada pelo colégio entende-se que quem participa é realmente o aluno que deseja e pode pagar. Entretanto, por que a prática teatral, na maioria das vezes, vem vinculada somente a projetos da escola e não às próprias aulas? A vivência na produção e apresentação de um espetáculo é totalmente diferente da vivência na maioria das aulas obrigatórias. Os alunos não só leem textos, assistem vídeos e escutam a palavra do professor, eles também sentem na pele. A prática se faz presente em diversas atividades de arte, entretanto, fazer parte da montagem de uma peça teatral, independente da forma, é experimentar na linguagem cênica aquilo que você leu, viu e ouviu. Então por que restringir essa experiência a poucos alunos? Todos os estudantes deveriam ter direito a vivência teórico-prática teatral. O direito às aulas práticas de teatro deveria ser respeitado. Entretanto, não são nem reconhecidos pela escola.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 25).

Respeitar qualquer pessoa em sua autonomia é algo que deveria ser natural, afinal, é um direito de cada um. Dentre as minhas observações a que mais me fez refletir foi pensar na autonomia. Vejo tantos educadores simplesmente ignorando as características de cada aluno. Como no exemplo, citado anteriormente, será que somente o pequeno grupo que foi selecionado para a peça é quem gostaria de participar dela? Acredito que não. Muitos alunos participam das audições, entretanto, não são escolhidos para o elenco. Muitos educandos querem ter a vivência da montagem do espetáculo, mas não podem ficar na escola durante o contraturno. E claro, nem todos os alunos podem pagar a taxa para participar do projeto teatral.

Quando eu estudei nesse colégio, participei dessas audições para a peça. Foi tão difícil pensar que eu poderia ficar de fora de algo que eu queria tanto, uma vivência teatral que acontecia apenas 1 vez ao ano. Naquele momento eu não sabia se meu modo de atuar e cantar seria o suficiente para fazer parte do elenco. Pensando e analisando hoje, eu não estava em uma escola? Eu não estava ali justamente para alcançar novos caminhos e aprendizados, e naquele caso ao aprendizado artístico? E se era uma escola, não deveria ser cobrado que eu já soubesse atuar. Bom... eu passei, mas uma colega minha não conseguiu. Essa minha amiga era bem parecida comigo nesse quesito e até chegava a dizer que pensava em atuar e estudar artes cênicas. Talvez aquela recusa tenha contribuído para ela se distanciar dessa vontade. Hoje ela não faz cênicas, existem diversos possíveis motivos para isso, mas penso que ela deveria ter tido a oportunidade de vivenciar a produção daquela peça na escola, assim como tantos outros alunos que ficaram de fora, e talvez a partir daquela experiência tivessem um maior interesse pela arte, não só para ser artista, mas também como um futuro público de Teatro. Portanto, defendo que a prática deve ser incluída nas aulas obrigatórias, ao invés de ser aplicada apenas em projetos da escola.

Cada estudante tem sua individualidade, sua essência, seu jeito de ser, isso deve ser considerado e respeitado, para que desta forma, cada aluno possa desenvolver seus talentos e suas habilidades. Podemos perceber que as pessoas não têm o mesmo gosto, jeito, caráter, cultura, sendo assim, porque a maioria dos professores das instituições educacionais ainda insistem em ensinar todos da mesma forma? E refletindo sobre individualidade entendemos que cada um possui uma cultura, e isso é extremamente importante ser compreendido por um

professor(a) de arte. A nossa arte, ou a arte que apreciamos, não é melhor ou mais importante que a arte do outro, menosprezar e/ou discriminar culturas é um grande passo para a perda de autonomia na sala de aula. Para ensinar é preciso aceitar o novo e acabar com o preconceito (FREIRE, 1996).

Pensando justamente nessa individualidade de cada um, resolvi fazer uma pequena enquete em meu instagram para saber um pouco mais sobre a experiência teatral vivida pelos meus seguidores, nas suas respectivas escolas. Acredito que as redes sociais podem ser usadas como instrumento de pesquisa, pois atuam no cotidiano da nossa comunicação. A enquete foi organizada da seguinte forma:

1) As aulas de teatro presentes na sua escola eram mais voltadas para a teoria ou para a prática? (eu queria saber qual fator foi mais presente na escola de cada um);

2) Qual foi a sua experiência teatral na escola? (Inclusive quem não teve nenhuma experiência com teatro na época escolar foi convidado a responder explicando se concordava ou não com o fato de não ter tido Teatro na escola).

Os resultados foram: obtive 188 respostas na primeira pergunta, sendo que 132 pessoas responderam que as aulas de Teatro em suas escolas eram mais voltadas para a teoria, enquanto 56 pessoas responderam que as aulas eram mais voltadas para a prática. Na segunda pergunta, que era mais aberta, obtive 47 respostas sobre a experiência ou não com teatro na escola.

Após ler as respostas iniciei uma conversa com as pessoas que me responderam e verifiquei que muitas queixas surgiram. A mais frequente era o fato das aulas obrigatórias serem em um padrão de slides e apenas teoria, enquanto a produção de peças muitas vezes não existia e em algumas escolas era somente para o grupo de Teatro (projeto no contraturno). Conversando um pouco mais, muitas pessoas me disseram que sentiram falta de ter teatro na escola e que acreditavam que a prática devia ser para todos.

Todas as respostas foram extremamente relevantes para o meu trabalho, entretanto, duas me chamaram muito a atenção:

Dependia do professor, tivemos um bimestre que fizemos uma apresentação, mas nos outros anos foi somente conteúdo teórico voltado para o PAS. Eu senti muita falta da prática sim. Foi lembrando do quanto eu gostei de produzir a peça que percebi que queria trabalhar com isso. Então senti falta, primeiro porque ficava sem produção criativa na escola, segundo porque era uma ótima

forma de aprendizado, afinal decorar o conteúdo e saber responder a prova do PAS é uma coisa, já colocar o conteúdo realmente em prática é outra. Além do fato de que eu sou bem tímida, e no momento da peça eu saia da minha 'zona de conforto' e soube que ali tinha um lugar para mim, seja apresentando ou produzindo. Quando tive essas aulas teórico-práticas foi sensacional, entretanto, nos anos que foram somente teóricas, as aulas não eram atrativas, para ser bem sincera parecia que era somente o professor falando como não errar no PAS.

Eu acho que a música, artes cênicas, artes visuais e educação física são as únicas matérias no contexto escolar que trabalham com o corpo como meio de expressão. E na maioria das aulas de cênicas era apenas repassado o conteúdo que caía no vestibular, até por que o professor não tinha liberdade de dar o conteúdo da forma que gostaria, apenas devia seguir as regras da escola. Acredito que a prática, principalmente em relação ao teatro é a forma mais efetiva de ensinar a matéria, por que eu, por exemplo, já estudei várias vezes a mesma coisa e depois não consigo lembrar por aquilo não ser algo que experimentei.

Esses dois depoimentos exemplificam muito do que penso sobre a importância do ensino de teatro na sala de aula ser abrangente, trabalhar de forma conjunta as dimensões teóricas e as dimensões práticas. Muitos estudantes entendem a necessidade da prática ser introduzida em sala de aula, e querem poder participar de peças teatrais, e assim como pude analisar, isso geralmente não é respeitado e/ou incentivado. Então ao invés de colocarmos nossos estudantes em uma caixa de padrões pequena e apertada, podemos abranger junto a eles as possibilidades do caminho educacional. Assim como Paulo Freire (1996), eu também acredito numa relação de professor-aluno em que o aprendizado é mútuo. Afinal, cada nova experiência é um novo aprendizado, e temos tantas experiências, todos os dias, com cada um dos educandos.

Acredito que buscando compreender nossos alunos conseguimos ter uma relação professor-aluno muito melhor e produtiva e assim melhorar a dinâmica do ensino-aprendizagem. A partir desses relatos vemos como muitos alunos desejam aulas de teatro com suas dimensões contextualizadoras e suas dimensões experimentais. Ter esse ensino completo e abrangente é muito importante para o respeito com os alunos, entendendo que cada um aprende de uma forma e entende o mundo do seu jeito, e o teatro é o lugar para expressar isso. Entretanto, o teatro somente será esse lugar de verdadeira expressão se for dada as devidas condições

para esse acontecimento. E não seria a contextualização junto com a experiência um bom incentivo e favorecimento a expressão teatral?

3 EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS

3.1 As crianças e suas autonomias

Após iniciar a segunda experiência de estágio (também em um colégio particular) a certeza de que a individualidade de cada ser (suas ideias, vontades pessoais, o seu jeito) deve ser levada em conta ao dar uma aula ficou ainda mais clara para mim. A escola em que fui inserida como estagiária trabalha com berçário, educação infantil e ensino fundamental 1, tendo turmas do matutino, vespertino e integral. Eu iniciei o estágio com a proposta, feita pela escola, de ministrar oficinas teatrais para as turmas do integral que fazem atividades durante o turno matutino e no turno vespertino os alunos tem as suas aulas obrigatórias pertencentes a matriz curricular. Para essas atividades as turmas são divididas em Integral I (2 e 3 anos), Integral II (4 a 6 anos) e Integral III (7 a 10 anos), os alunos não são obrigados a chegar no horário para essas oficinas e dessa forma muitas vezes quem pega o primeiro horário conta somente com 1 ou 2 alunos.

Anotei em um diário de bordo e fiz gravações minhas falando sobre o que acontecia em cada dia do estágio. Uma das minhas frequentes observações era a falta de autonomia dos alunos. Observando algumas turmas percebi que as professoras conduziam as aulas, na maioria das vezes, utilizando de chantagens e ameaças para que o educando fizesse a atividade proposta. Uma frequente ameaça era “Se você não fizer você não vai pro intervalo” ou então, “Se você não fizer eu vou anotar na sua agenda”. Reconheço que essas frases muitas vezes surtem o efeito desejado pela pessoa que as falam. Sim, muito provavelmente esse aluno irá fazer o que o(a) professor(a) quer após escutar essas frases, porém, eu não acredito que essa seja a forma mais respeitosa de lidar com os estudantes.

Partindo dessa ideia, reconheço a necessidade de construir uma autonomia, uma independência, em cada um dos alunos e quero buscar o motivo pelo qual ele ou ela talvez não queira participar de determinada atividade que eu proponho. No caso do teatro, por exemplo, em muitas dinâmicas que eu propunha para os educandos, alguns não queriam participar, então, eu resolvi fazer com o Integral III (devido ao fato de que nessa turma existia maior proporcionalidade de alunos que não queriam fazer uma atividade) um pequeno questionário (anexo 1) para tentar entendê-los melhor quanto ao seus desejos e gostos em relação às aulas de teatro.

Coloquei algumas perguntas relacionadas as vivências ou não que eles já tiveram com teatro e como gostariam que fossem nossas aulas e apresentações.

A maioria disse gostar de teatro, alguns disseram que gostavam um pouco, mas tinham vergonha, e nenhum disse que não gostava. Percebi que muitas vezes o que propomos nas aulas pode causar vergonha a algum aluno e a partir daí pode buscar novas formas e meios para conseguir que os alunos participassem das atividades propostas. Acredito que conhecer e entender os motivos pelo qual certo aluno não quer participar da atividade ou dinâmica proposta na aula é a melhor forma de lidar com a situação e assim encontrar meios para melhorar a qualidade da aula e incentivar a participação de todos.

Vale lembrar que essa escola possui diversos alunos com necessidades especiais. Presenciei muitas vezes essa necessidade especial ser usada como pretexto para dizer “Ah aquele aluno não participa mesmo, ele é muito difícil por que ele tem isso ou aquilo.”. Então, sem usar de desculpas, como podemos encontrar meios de “trazer pra perto” esses alunos que não querem ou têm medo de participar? E, principalmente, no caso do teatro, como fazê-los acreditar de que são capazes de participar dos jogos teatrais, de que são capazes de atuar? Nós devemos procurar entender os desejos do nosso aluno, os medos deles e as suas habilidades por meio de conversas, observações, atenção e estudo.

Em minha experiência, após alguns dias de convivência fui conversando e observando e assim percebendo quais eram os alunos tímidos, aqueles que queriam e gostavam de participar, aqueles que tinham medo... Eu tentava incentivar todos, dizendo que seria interessante e que eles conseguiriam fazer. Sempre validava os meus alunos. Acredito que a validação é uma excelente estratégia para incentivar seus alunos a participar e continuar participando. Os educandos começaram a se aproximar mais de mim, e a medida com que íamos nos conhecendo melhor eles se acostumavam comigo e se desprendiam de suas vergonhas, dessa forma participavam mais e me respeitavam mais.

3.2 A montagem de Alice no país das maravilhas

Após algumas semanas de aula a diretora do colégio exigiu que eu montasse uma peça com os alunos do integral. Sim, foi exigido que eu, uma estagiária, montasse uma peça contando apenas com a ajuda de mais dois estagiários das

áreas de: dança e psicologia. A peça seria ensaiada no horário de 12:00 às 13:30 e somente participariam os alunos que desejassem. Além disso, segundo ela essa peça era “pra ontem”. Sabemos que a montagem de um espetáculo demanda tempo, dedicação, foco e muito trabalho. A minha preocupação era não sobrecarregar as crianças. Eu queria que os alunos aproveitassem cada pedaço desse delicioso processo que é participar da criação de um espetáculo teatral.

“Para chegar a essa relação entre espetáculos, espectador e grupo, temos de considerar que os alunos ao experimentarem esse processo de montagem, vivenciaram cada etapa, sem a pressa de ter uma data marcada para a estréia” (VIANNA E STRAZZACAPPA, 2001, p. 129).

Começamos os primeiros ensaios com muitos alunos, depois foram ficando apenas aqueles que estavam realmente dispostos a se dedicar. Acredito que as desistências foram, principalmente, pelo fato de que os ensaios eram no horário do intervalo deles e não no horário de aula. Para uma criança deixar de descansar, ou fazer o que deseja no seu momento de intervalo, eu acredito, que é preciso ou muita paixão pelo Teatro ou muita identificação com a professora, falo isso pela vivência que tive e percebi que muitas das minhas alunas mais dedicadas amavam estar ali pelo teatro, mas também por que se identificavam comigo e se sentiam bem em estar nos meus ensaios.

O mais intrigante é que, todos os meninos resolveram sair, ou seja, nossa peça ficou apenas com intérpretes meninas. Percebi que nas turmas de crianças mais novas, tanto meninas quanto meninos querem participar de atividades como dança e teatro, porém, as turmas de alunos mais velhos há predominância de meninas nessa área. Por que muitos meninos se afastam das atividades artísticas na escola de acordo com que vão crescendo? Vejo garotos livres, expressivos, dançarinos, atores, cantores, pintores quando crianças e quando se tornam mais velhos se afastam desse meio artístico. Percebo que muitos é pelo fato de terem vergonha. Mas por que os meninos sentem tanta vergonha? Proponho então uma nova pergunta... Por que os meninos são tão repreendidos quando se manifestam como os seres artísticos que são? Meninos e meninas produzem arte o tempo inteiro, são crianças, são humanos. Entretanto, pelo que observo a maioria dos jovens garotos que conheço foram crescendo e adquirindo vergonha das danças, cantorias, atuações, já a maioria das garotas cresceu bem mais tranquila em relação a isso. Mas vejo que é um processo, quando criança é fácil ver como eles se soltam

e se divertem “fazendo arte” e como as pessoas se divertem ao ver essa criança “fazendo arte”. Quando mais velhos, essa arte já não é mais tão valorizada, e em muitos casos, também não é incentivada.

Nos ensaios, quem queria participava, quem não queria voltava para as suas atividades. Eu não usava de chantagens nem ameaças, e lembrava sempre às crianças de que era de nossa responsabilidade fazer esse espetáculo acontecer. No começo tive um grande desafio, após fazer um sorteio para decidir quem faria cada personagem, muitas alunas vieram me pedir que trocasse quem iria fazer o papel da Alice, mas não era apenas pelo fato de que elas gostavam da personagem principal, a verdade é que elas acreditavam que a estudante que ficou com esse papel não iria conseguir gravar as falas e fazer uma boa performance. Foi triste vê-las desacreditadas da colega daquela forma, a menina que foi sorteada para ser a Alice era bastante animada, fazia as coisas de formas diferentes e também aprendia de uma forma diferente, muitas vezes não acompanhava o ritmo das outras estudantes, mas isso era totalmente normal, afinal, cada um de nós tem o seu próprio tempo, ritmo, jeito, e por isso reafirmo a importância de entendermos nossos alunos e a importância de compreendermos que cada ser humano é diferente e aprende de formas diferentes. Eu fui firme e disse às alunas que não trocaria o papel da colega, e afirmei que ela conseguiria fazer a personagem, também as lembrei de que deveriam apoiar a sua colega e ajudar umas as outras.

Sempre deixei claro de que cada um era importante para a peça, cada mínimo detalhe, cada fala, cada personagem tem a mesma importância, afinal, todos juntos formariam o espetáculo e fui fortalecendo nelas a ideia de que cada uma era importante para apresentarmos a montagem de Alice, e assim elas começaram a gostar mais de seus respectivos personagens e a defendê-los como algo importante no espetáculo. Todas foram compreendendo muito bem suas personagens e conseguindo passar suas emoções de uma forma incrível. Para conseguir tudo isso eu tive de dar atenção às alunas e tentar compreendê-las, para então poder ajudá-las.

“Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação” (BARBOSA, 2008, p.14).

O(A) professor(a) de Teatro deve ser empático, deve buscar compreender o seu educando para assim poder ser um movimentador de conhecimento. E essa empatia está ligada a autonomia que deve ser enxergada em cada aluno. É sobre escutá-los em suas palavras, gestos, ações e compreendê-los.

Fizemos uma construção teatral com a história de Alice No País Das Maravilhas, e a escolha da peça foi feita juntamente com as alunas, fiz algumas adaptações no roteiro, principalmente pelo fato de que a diretora exigiu que eu falasse sobre os “5S” (metodologia japonesa para a implantação da qualidade total de algo) na peça. Ela estava implantando o “5S” em várias áreas da escola e decidiu que seria interessante colocar também na dramaturgia da peça. O processo foi muito divertido, enriquecedor e obviamente, trabalhoso. Um dos nossos maiores desafios foram o tempo e a montagem de cenários. A escola limitou os recursos para a montagem de cenários e tivemos que improvisar e usar muito da nossa imaginação, o que é bem fácil quando se está lidando com crianças. Além da atuação, minhas alunas também cantaram e dançaram. Nos ensaios eu contava com a ajuda de uma estagiária de dança e um estagiário de psicologia que também era músico. Em conjunto criamos uma peça singela, porém muito linda e criativa.

As alunas fizeram parte de toda a construção da peça, o cenário e figurino foram discutidos em conjunto, e elas ficavam livres para fazerem adaptações nas falas. Eu queria que elas criassem aquele personagem, eu estaria lá para auxiliar, mediar, mas a experiência da personagem era totalmente delas.

O pouco tempo para os ensaios foi algo que me preocupou, não por mim, mas pelas crianças que assim que souberam que a diretora do colégio nos deu 1 mês para montarmos o espetáculo já começaram com “Não tem como” “Não vamos conseguir” “Eu não vou conseguir gravar as falas”. Lidar com crenças de incapacidade é sempre um desafio no teatro, mas agora havia um fator agravante, o tempo. Esclareci para as alunas que iríamos nos esforçar para fazer o nosso melhor dentro do *nosso* tempo. Afinal, eu estava lidando com crianças de 6 a 10 anos e não com um grupo de Teatro profissional. As crianças estão na escola para se descobrirem, experimentarem, deixarem fluir a ludicidade e perceberem mais o mundo à sua volta e a elas mesmas em seus gostos e desejos.

Com o passar dos ensaios as crianças foram melhorando em relação ao compromisso com a peça, comparecendo mais, se esforçando para decorar as falas e a música (anexo 2) que criamos para falar do “5S”, dando ideias para cenários e

figurinos. Eu percebia que elas estavam felizes e engajadas em participar da montagem do espetáculo.

O cenário foi uma das partes mais complicadas, pois a escola disponibilizou pouquíssimo material para a montagem e quando eu solicitava mais eles diziam que não podiam gastar muito com a peça. Então, utilizamos o que tínhamos, tintas, cartolinas, caixas de papelão, papel crepom e canetinhas. Como não dava para fazer um cenário para cada cena optei por fazermos coisas que eram muito presentes na peça como árvores, xícaras, etc. Fizemos também alguns cartazes com nome das personagens para colocar na parede no dia da peça. As crianças amaram montar o cenário, elas sentiam que eram parte daquilo, afinal participaram ativamente de todo o processo.

O figurino também foi desenvolvido em conjunto, elas sempre traziam ideias e conversam com os pais sobre o que precisavam para a montagem dos figurinos. Uma das mães veio conversar comigo sobre o que já tinha comprado para o figurino da filha. Era incrível de ver como as crianças estavam empenhadas e incentivavam suas mães a ficarem também.

No dia da apresentação o auditório da escola (foi onde apresentamos a peça) estava lotado com pais e professores ansiosos para assistir o nosso espetáculo. Foi difícil encontrar um local para as crianças ficarem até o momento de entrarem em cena, afinal era um auditório e não um teatro, portanto não tinha coxia. Entretanto elas estavam focadas e muito empenhadas em fazer dar certo. A acústica também não favoreceu, mas elas estavam brilhando, e eu via que os espectadores se encantavam. Eu fotografei a peça e pedi que uma estagiária filmasse. Foi lindo vê-las fazendo o seu melhor e se divertindo ao apresentar, fiquei muito feliz com o resultado. Após a apresentação fomos para a sala de aula e eu comemoramos juntas. Validei todas as alunas e enfatizei que elas fizeram uma linda apresentação.

Após a apresentação da peça eu resolvi pedir afastamento da escola. Eu amava muito estar junto dos alunos, ensinar e aprender com eles, eles também demonstravam gostar muito de mim e a relação professor-aluno era bastante agradável, mas a escola me colocava em um papel de professor sendo que eu era uma estagiária. Concluí a peça, pelas crianças, elas amavam participar e estavam muito felizes, mas em vários momentos tive vontade de sair antes mesmo da apresentação. Era um absurdo aquela situação, além da falta de apoio por parte da diretora e da coordenadora. Toda a produção da peça ficou sob minha

responsabilidade. Somente um profissional formado pode assumir tais responsabilidades. É um trabalho de médio a longo prazo que precisa de tempo e dedicação para alcançar o valor que merece. Além disso, também notei a falta de preocupação da escola em relação a teoria, e reforço aqui a necessidade da contextualização e da vivência acontecerem juntas no ensino do teatro. Então, por causa desses motivos decidi sair do estágio naquela escola.

4 O LUGAR DA VIVÊNCIA

4.1 O valor do ensino da arte/teatro

Voltando a refletir sobre o estágio em que observei as turmas de ensino médio, lembrei de uma atividade interessante proposta pelo professor R. Ele fez um trabalho com a turma que tinha 3 fases, a primeira era formar duplas e escrever um diálogo cômico, a segunda eles entregavam os seus diálogos e o professor devolvia a eles mas de forma aleatória para que corrigissem o que precisasse (a dupla não iria receber o seu próprio diálogo cômico e sim o de algum colega) e a terceira fase seria interpretar aquele diálogo, podendo usar figurino e etc. Gostei da proposta, porém a primeira e a segunda fase não conquistou a atenção dos alunos, eles perderam os prazos para a entrega, muitos fizeram de qualquer jeito, parecia que eles ainda não tinham adquirido esse gosto pela escrita ou talvez não compreendessem o porquê de fazer aquilo, e a importância da escrita. A terceira fase obviamente foi a mais divertida para os estudantes, eles gostavam de fazer, participavam e se mantinham entretidos com a atividade. Aquelas turmas de primeiro ano, pelo que percebi, gostavam mais da interpretação do que de copiar coisas do quadro, escrever ou ler. Então aproveitei para ressaltar a importância de deixarmos clara a necessidade do que estamos fazendo, talvez muitos deles nem compreendessem a importância daquela atividade, muitas vezes os alunos fazem os deveres de casa por fazer, fazem provas por obrigação, mas não compreendem o porquê de estarem fazendo aquilo. Mostrar aos alunos a importância dessa dimensão do saber é a tarefa principal do professor de arte.

“Mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 1996, p. 31).

Escutar o que os alunos pensam daquilo que está sendo levado para eles, é a única forma de saber o que estão aprendendo. Quando esclarecemos a importância de determinado conteúdo e os estudantes reconhecem essa importância, o interesse naturalmente aparece.

Conversando com os dois professores, do ensino médio, eles me explicaram que essas atividades e jogos não eram incentivados pelo diretor da escola e que podiam ser feitas com pouquíssima frequência, ou seja, realmente a interpretação

ficava mais restrita aos alunos que passavam nas audições para a peça. Mesmo sendo de interesse dos alunos do Ensino Médio, a interpretação, a prática, a produção de peça, jogos, eram restritos, por não serem reconhecidos como conteúdos importantes e socialmente reconhecidos.

Quando vi as duas situações do meu primeiro estágio e do segundo comecei a refletir e me questionar sobre algo muito importante... Por que a prática teatral é tão valorizada na infância e de acordo com que os alunos vão crescendo essa prática vai perdendo espaço e importância? Por que os pais e a própria escola são tão engajados e ficam tão admirados com as peças infantis e quando se trata de espetáculos no ensino médio o incentivo é mínimo? Lembro-me que quando eu era criança sempre havia espetáculos sendo produzidos na escola e eu estava sempre participando. No Ensino Médio a prática foi dando lugar para as aulas teóricas, e quando tivemos a oportunidade de produzir uma peça era algo tão restrito que poucos alunos conseguiam participar.

A arte tem um papel muito importante na sociedade, mas será que a maioria vê a arte somente como passatempo? Será, que muitas vezes, a arte é vista como coisa de criança? A arte não é vista como “coisa de gente séria”? O que seria a arte para “gente séria”? Consumir arte, todos consomem. Das crianças à “gente séria” a arte é consumida. Quantos shows estão lotados em todas as cidades? Quantos cinemas estão lotados nas estreias dos filmes mais famosos? Quantas horas as pessoas passam assistindo Netflix hoje em dia? Mas a questão é: se essas artes são tão consumidas, por que ainda não conseguimos o respeito e incentivo a produção artística, principalmente na escola?

Após algumas leituras essa questão foi se tornando um pouco mais clara para mim. A arte está fortemente ligada à ludicidade, o que é algo nato no ser humano, entretanto, com a industrialização e a urbanização, o homem contemporâneo tem cada vez mais separado o trabalho do lazer, e assim separado a ludicidade das atividades vistas como úteis e produtivas (CAFÉ, 1998).

A sociedade industrial dicotomiza as ações humanas, valorizando de forma diferente cada uma, considerando o que é útil, o que apresenta um aspecto produtivo, como mais relevante. Por isso, o lazer fica relegado a alguns momentos ou certas idades (CAFÉ, 2001, p.33).

Para a criança o brincar é estimulado, sendo que em outras faixas de idade isso é muitas vezes impedido. A arte é vista, por muitas pessoas, apenas como lazer e não como área de conhecimento. Dessa forma atividades vistas como produtivas são as “coisas de gente séria” enquanto a ludicidade é vista como “coisa de criança”. O lúdico não é visto pela sociedade como algo produtivo, por isso as atividades ligadas a ele são deixadas para aqueles que também não são visto como “produtores de produtos”, as crianças (seres improdutivos). Porém, o lúdico é uma manifestação inerente a qualquer ser, independente da idade ou cultura.

A prática do desenvolvimento de uma linguagem cênica tem um rico e valioso lugar nos jogos e brincadeiras, dando espaço para as manifestações lúdicas. Talvez por isso essas práticas sejam valorizadas na infância e afastada dos mais velhos. (É necessário respeitar a autonomia dos nossos alunos em sala de aula, precisamos respeitá-los em seus gostos, desejos, respeitar o jeito de ser de cada um). Entender que a ludicidade é algo nato, e principalmente nós, como arte-educadores, devemos valorizar isso e usar o lúdico como um meio ao aprendizado artístico. Se uma turma de ensino médio deseja ter a prática teatral por que isso não é levado em conta? Isso me faz pensar que não importa a idade, o lúdico faz parte da vida do ser humano, devemos valorizar e incentivar isso. Acredito que podemos buscar conhecer cada aluno, para desta forma compreendê-lo e respeitá-lo.

4.2 Processo e resultado

Quando pensamos sobre como o teatro é cobrado nas escolas, e principalmente nas provas de ingresso em universidade entendemos melhor o problema da falta da prática nas instituições de ensino básico. As avaliações nas escolas, os vestibulares, PAS¹, ENEM, visam somente o resultado, não importando o processo e a experiência. Dessa forma o arte-educador encontra-se em um sistema escolar todo voltado ao ensino teórico e ao reforço de respostas prontas visando o acerto de questões objetivas.

“A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa” (BONDÍA, 2002, p. 23).

Quanto tempo um professor de teatro tem para ensinar alguma das dimensões teatrais? Depende da escola, mas em algumas que pude ter

¹ Programa de Avaliação Seriada para ingresso na Universidade de Brasília

experiências com teatro eram apenas 1 vez por semana em 50 minutos de aula e outras até mesmo 1 vez a cada 15 dias em 50 minutos de aula. Com tão pouco tempo e uma instituição que cobra conteudismo o(a) professor(a) encontra-se em meio a um dilema entre processo e resultado, e ainda uma falta de liberdade quanto ao modo como deve seguir com suas aulas.

Como arte-educadores devemos compreender que o processo e a experiências são de extrema importância para o resultado. Estamos falando de arte, e arte exige experiência vivenciada. Não há como separar o experimentar/processo do saber/resultados.

5 OUTROS CAMINHOS

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou criação” pensamento propagado por Paulo Freire (1996).

Quando estou em uma sala de aula ou qualquer que seja o ambiente proporcionado para o ensino do Teatro, estou ali como uma possibilitadora de meios ao conhecimento e um ser em constante aprendizado. Essas duas ações, ensinar e aprender, sempre vão acontecer simultaneamente, quando compreendemos isso começamos a entender a força e a beleza do que é ser um(a) professor(a), isso foi uma das coisas que aprendi com o autor em seu livro: *Pedagogia da Autonomia* (1996).

5.1 Abordagem da sala de aula

Ana Mae Barbosa é uma arte-educadora brasileira e uma grande referências para o ensino de Arte nas escolas. Seus estudos são focados nas artes visuais, entretanto, sua abordagem é utilizada e estudada por arte-educadores de outras linguagens, com as devidas adaptações. Ana Mae propõe uma abordagem triangular e simultânea para o ensino das artes composta por: assistir, experimentar e contextualizar.

Quando li sobre a abordagem triangular aquelas ideias logo me chamaram muito a atenção, na época já me questionava muito sobre o ensino teórico-prático do teatro nas escolas e lendo Ana Mae fui me encontrando cada vez mais próxima e percebendo melhor esse tema.

É importante entender que esse tripé não é isolado. Conhecendo teatro, por exemplo, quando assistimos uma peça automaticamente estamos experimentando ao ser a plateia de um espetáculo, e da mesma forma contextualizando com o que já escutamos falar sobre teatro seja na escola, na internet, na tv ou na rua. Na escola, as três vértices do triângulo também devem acontecer. Um bom exemplo é quando um professor de teatro propõe um jogo teatral, muitas vezes podemos formar dois grupos, em que um faz e outro observa, e isso tudo faz parte do jogo, o fazer, o assistir, eles acontecem juntos. Depois a turma pode discutir sobre o jogo, o que ele propõe, o que aprendemos com ele, e entender com o que o jogo trabalha.

Outro exemplo é o processo de produção de uma peça teatral, o fazer/experimentar está presente em diversos focos: iluminação, cenografia, interpretação, direção, dramaturgia, sonoplastia, tudo isso faz parte da vivência de um espetáculo. Trabalhando atividades diversificadas, atendendo os desejos dos alunos, a aula torna-se coletiva e muito mais interessante.

Entretanto, volto a questão. Diante da minha trajetória percebi diversos alunos tendo somente o contato com aulas da matriz curricular que em sua maioria são da seguinte forma: anotações no quadro - explicação - dever de sala ou para casa no livro da disciplina - prova escrita, assim se repete. As provas de teatro que eu fazia no Ensino Médio baseavam-se em teorias sobre fases do teatro, autores, tipos de teatro, etc. Sem a vivência prática a teoria torna-se sem motivo para muitos. Vejo tantos alunos se questionarem “Por que eu tenho que saber disso?”, eu mesma me fazia esse questionamento, em relação a algumas outras disciplinas com que eu não me identificava tanto. Muitas teorias são ensinadas para os alunos, mas o motivo pelo qual aquilo é ensinado não é mostrado, nem tampouco é dada a oportunidade de experimentar outros focos. Não explicam o porquê daquilo ser importante para o aprendizado, o porquê daquilo ser necessário na escola. Acredito que, no caso do teatro, o trabalho com a abordagem triangular traz a resposta a esses “porquês”, pelo fato do ensino-aprendizagem acontecer por meio do contextualizar-fazer-assistir juntos, e esse é mais.

5.2 Escolha o seu lado

Teoria e prática devem acontecer juntas para que o todo faça sentido.

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996).

Isso também pode ser verificado na abordagem de Ana Mae, que por falar da arte que exige um espectador acrescenta esse ingrediente na teoria/prática, formando o tripé.

Quando estava no início do estágio da graduação conversei com T, o professor do 3º ano perguntando sobre aulas práticas, e tendo como resposta que era muito complicado dar aulas com foco prático, pois o diretor do colégio afirmava que as aulas deveriam ser apenas teóricas. Entretanto, ele propôs que eu

experimentasse montar uma aula prática relacionada ao conteúdo teórico que estava sendo ministrado, o foco do estudo era a obra de Millôr Fernandes: *Liberdade Liberdade*. O próximo tópico a ser estudado era o *Teatro do Oprimido* então resolvi ligar as duas coisas e preparar uma dinâmica para a aula. Expliquei a proposta ao professor T, ele gostou muito e disse que eu poderia mediar a aula e que ele estaria lá comigo, mas só iria interferir caso eu precisasse de ajuda.

Criei um jogo teatral (anexo 3) baseado na obra de Millôr Fernandes e com várias referências e elementos dos jogos teatrais de Augusto Boal (1992). Nomeei o jogo de “Escolha o seu lado”. No dia da aula ao entrar na primeira sala eu estava um pouco envergonhada, mas me mantendo firme ao meu trabalho. Pedi que os alunos afastassem as carteiras para o lado e deixassem o meio da sala livre, depois pedi que formassem duplas. Após a formação das duplas entreguei a cada uma um papel onde estava a frase opressora da dupla (todas as frases da dinâmica foram tiradas da peça). Coloquei vários papéis com as frases respostas (frases da peça que seriam como uma boa resposta a frase que oprimia) no chão da sala e cada dupla deveria escolher a sua. Depois de estar com as duas frases eles formaram duas fileiras, uma de frente para a outra, de modo com que no meio ficasse um grande corredor (essa é a configuração do início da peça *Liberdade Liberdade*) e eles passariam por aquele corredor, um da dupla falando a frase opressora e em seguida o outro dando a resposta. Deixei claro que os alunos eram livres para interpretar, fazer leitura dramática, incrementar algo a seu figurino, fala e etc.

O jogo foi muito interessante e a cada aula eu me sentia mais confortável. Alguns alunos não quiseram participar, eu tentei convencê-los dizendo que ia ser divertido e que não precisava ter vergonha, mas quem realmente não quis participar pode ficar somente olhando sem nenhum problema. O ato de observar já é fazer parte da dinâmica de alguma forma. Os alunos que participaram se divertiam, percebi que trazer algo fora do comum os deixou bastante envolvidos. Vários alunos incrementaram suas falas, aumentando ou mudando algumas coisas, alguns criaram rápidos figurinos, um até fez um “bigodinho de Hitler” para ser o opressor e alguns somente fizeram a leitura. É incrível ver a liberdade que o jogo prático traz ao aluno, como eles se encantam ao participar, seja fazendo ou assistindo, afinal quem assistia estava participando, e ainda reagia ao jogo. A prática com o conteúdo teórico e a própria ação de assistir a prática dos colegas agrega o conhecimento, aguça a criatividade e proporciona autonomia.

5.3 O aluno é um ser autônomo

A autonomia é considerada, por muitos estudiosos, essencial no aprendizado. É a partir dessa palavra que desejo aprimorar minhas metodologias de ensino de teatro. Mas como a autonomia pode ser reconhecida e incentivada em sala de aula? Bom... Perceber o(a) aluno(a) como um ser único, que tem suas próprias vontades, medos, gostos é reconhecer a identidade deles(as) e assim dá-se o primeiro passo para reconhecê-los como seres autônomos.

Quando um jogo é inserido na sala de aula e contextualizado com uma matéria de prova, assistido pelos colegas e ao mesmo tempo experimentado pelos alunos, podemos atingir uma maior parte de educandos que serão realmente impactados por aquela aula, seja em sua forma mais teórica, prática ou contemplativa. Cada estudante terá sua experiência e somente eles podem dizer o que é melhor para cada um, então, cabe ao professor proporcionar diversas oportunidades, caminhos, meios e experiências para o aprendizado. Quando inserimos os alunos na produção de uma peça, por exemplo, é interessante deixá-los livres para escolherem suas funções, pois cada um se identificará com uma tarefa, seja atuação, cenografia, sonoplastia, dramaturgia, maquiagem etc.

Acredito que cada ser já traz uma carga de conhecimento consigo, entendo que conhecer é algo latente no ser humano. Não devemos ignorar os conhecimentos já adquiridos por nossos alunos e muito menos desmerecê-los. As ideias, talentos, desejos de cada estudante devem ser vistos como meios para trabalhar a linguagem a ser desenvolvida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A paisagem humana é necessariamente construída pelas obras culturais, pois só elas atestam ao homem a essência e o sentido de sua presença no mundo: a presença de um sujeito que compreende, transforma e significa” (VAZ, apud CAFÉ, 2005, p.5)

Ao longo do curso de Artes Cênicas percebi que a arte busca “apaixonados”, pessoas que se encantam com a vida, com as cores, os animais, os seres, cheiros, toques, vozes, sentidos, emoções, sentimentos, imagens, pensamentos e etc. Acredito também que ela busca revolucionários, pessoas que acreditam em mudanças, que acreditam em melhoras. Tudo isso se encaixa em uma forma, que cada um de nós carrega, tão única de ver o mundo em que vivemos, como então poderíamos construir uma arte sem pensar nas particularidades? A arte flui por meio de visceralidades.

A autonomia no teatro é quando você (como arte-educador) reconhece o aluno como um ser autônomo cheio de características que você ainda não conhece, cheio de desejos que você ainda não conhece, cheio de preferências que você ainda não conhece. Buscar conhecer esses alunos é o primeiro passo para a boa relação com eles e ter uma boa relação com os educandos é essencial para a aprendizagem. Reconhecendo o estudante como o ser autônomo, reconhecemos a necessidade do ensino teórico-prático no teatro ser indissociável.

Quando entendemos que se cada um aprende e vivencia algo de uma forma muito específica percebemos que cada experiência é válida para o aprendizado, mas muitas são necessárias para um aprofundamento, para um real conhecimento do teatro. Como conhecer teatro sem assisti-lo? Seja aonde for. Como conhecer teatro sem vivenciá-lo? Como conhecer teatro sem contextualizá-lo? Portanto, afirmo, a experiência e a contextualização devem acontecer juntos.

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a *franquia* de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento (FREIRE, 1996, p. 50).

Estamos sempre em construção de nós mesmos, o aprendizado é contínuo, a cada nova experiência estamos aprendendo alguma coisa, consciente ou inconscientemente.

Como arte-educadores devemos trazer propostas de aula que possam atender a todas as diretrizes da aprendizagem teatral, entendendo que cada aluno irá se identificar melhor com uma dessas diretrizes, e por isso é tão importante dar aulas que abrangem diversas técnicas, metodologias e experiências. E é isso que espero fazer como arte-educadora. A partir deste estudo pretendo melhorar a forma com que ensino teatro, e a forma com que aprendo também. Desejo trabalhar com a motivação e talento de cada aluno e não com a minha expectativa em relação a eles, sabendo assim que cada pessoa é um ser autônomo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino das artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jan 2019.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. 2000. 109f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

_____. O direito à cultura do lúdico. **Licere**, Belo Horizonte, n. 1, p. 31, v. 4. 2001.

FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio. **Liberdade, liberdade**. Rio de Janeiro: L&PM, 1965.

FERREIRA, Sueli. (Org.). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. São Paulo: Papyrus, 2001. (Coleção Ágere).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARTMANN, Luciana; VELOSO, Graça. (Org.) **O teatro e suas pedagogias: práticas e reflexões**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

VAZ, Henrique de Lima. **Cultura e universidade**. Petrópolis: Vozes, 1966. (Coleção educar para a vida, v. 10).

ANEXO 1

Questionário:

Sobre teatro:

1. Você gosta de teatro? Justifique sua resposta.
2. Você gosta de dançar? Justifique sua resposta.
3. Você já fez aulas, apresentações de teatro? Se sim, o que fez?
4. O que espera aprender e fazer nas aulas de teatro?
5. O que mais desejaria fazer nas aulas de teatro?
6. Se montarmos uma apresentação o que gostaria de fazer? Qual tema?

ANEXO 2

Música:

5s é legal

5S é legal vem que eu vou te ensinar

5S é legal vem que eu vou te ensinar

Senso de organização cada coisa em seu lugar

Nossa produtividade vamos aumentar

Senso de utilização o espaço renovar

Evitar o desperdício o que não uso descartar

Senso de limpeza a vida melhorar

Aquilo que sujar a gente vai limpar

Senso de saúde vamos nos cuidar

Higiene pessoal cada um no seu lugar

Senso de disciplina é pra respeitar

Responsabilidade tarefas realizar

Seiton

Seiri

Seiso

Seiketsu

Shitsuke

ANEXO 3

Plano de Aula

ESCOLHA O SEU LADO

1. Aula: (50 minutos)

Objetivo: Levantar questionamentos e refletir sobre os jogos do Teatro do Oprimido, contextualizando com o formato e as frases da peça Liberdade Liberdade.

Estratégia:

- Será selecionado pelo mediador 44 frases da obra Liberdade Liberdade, sendo 22 opressoras e 22 respostas (que respondem às opressões).
- Será proposto aos estudantes que afastem todas as cadeiras e materiais para deixarmos a sala com um espaço adequado à prática. A turma se dividirá em duplas, cada um escolhe sua dupla.
- O(a) mediador(a) irá passar uma caixinha contendo frases opressoras e cada dupla deverá tirar uma frase de dentro da caixa, após lerem suas frases opressoras os educandos poderão ir ao centro da sala, onde estarão dispostas as frases respostas, e escolher uma frase para responder à opressão.
- Os alunos irão decidir se vão improvisar algum figurino, encenação, acrescentar algo nas frases, a dupla tem total liberdade, podendo também fazer apenas uma leitura dramática se assim preferirem.
- Os educandos irão escolher qual da dupla será o opressor e qual será o oprimido.
- Como no formato do início da peça Liberdade Liberdade, cada dupla vai se posicionar de forma que fique um de frente para o outro formando duas fileiras: opressores e oprimidos (quem vai responder), formando um grande corredor entre as duplas.
- Uma dupla de cada vez vai ao centro do corredor. O opressor diz a sua frase e em seguida o oprimido dá a sua resposta e assim em diante até todas as duplas participarem da dinâmica.

Avaliação: Espera-se a participação de todos os educandos considerada essencial para o seu desempenho e entendimento da estética do Teatro do Oprimido que contextualiza com a peça Liberdade Liberdade.